

O Trabalhador

NO V

Tip. União Gráfica R. de Santa Marta, 158 — Lisboa

Director e Editor: Manuel da Anunciada Soares

Redacção e Administração: R. Copelo, 5 — 2.º, Esq.

15 DE MARÇO DE 1939

Propriedade da Empresa da Revista Renascimento, L.ª

QUINZENÁRIO — Avulso \$30

Opus justitiæ pax

A Paz é fruto da Justiça! Por outras palavras: só pode haver Paz onde houver Justiça. Tal é o lema recolhido por Sua Santidade Pio XII em uma carta norte de toda a Sua acção Pontifical.

O saudoso Pontífice que faleceu e a quem já tivemos a honra de prestar nestas colunas humilde homenagem tinha escolhido para lema do seu Pontificado estas outras palavras: **Pax Christi in regno Christi — a Paz do Cristo no Reino de Cristo!**

O Papa que lhe sucede na Cadeira de Pedro, talvez por inspiração divina, vem-nos esclarecer: mas a Paz só é possível pela Justiça.

Na hora conturbada que atravessamos, poder-se-ia dizer mais? Poder-se-ia escolher melhor símbolo de acção em benefício da Paz?

Sim! Sem Justiça não pode haver Paz!

Interessa-nos sobretudo a paz social, porque é aquela pela qual nos temos batido. E não estamos arrependidos de ter lutado pela Justiça. Sem ela não pode haver Paz!

A luta de classes não se propagaou em virtude de uma teoria aliciante que seduziu os cérebros. A luta de classes tornou-se um facto, porque uma das classes cometa para com a outra as maiores injustiças. Quem se não recorda da situação miserável a que o liberalismo reduziu o operariado? Numa sociedade tão mal organizada, tão injusta socialmente, como seria possível defender a paz?

Hoje começam todos a reconhecer que a luta de classes é um mal, e que urge, em vez da luta, estabelecer entre operários e patrões a colaboração na harmonia e na paz.

Mas desenganemo-nos: a paz entre uns e outros, isto é, a paz social só

será possível no dia em que operários e patrões se resolverem a praticar a justiça social.

O Estado Corporativo, por sua vez, fará obra de paz na medida em que fizer obra de justiça. Muita já tem ele feito. E porque a fé é que foi possível a manifestação do dia 27 de Fevereiro. Mas quanta justiça não falta ainda fazer?

Não vos iludais, porém, vós, operários. A paz só é possível quando os patrões se resolverem a fazer-vos justiça, é certo. Mas, se vós não praticardes também a justiça, inútil será esperardes a paz na vossa vida de operários dignificados e livres.

Também vós tendes de fazer obra de justiça. E deveis começar a praticá-la mesmo antes d'elles. Quantas vezes as injustiças que praticais não são a causa de se abortarem as nossas tentativas para melhorar a vossa situação!

Fixemos, portanto, todos e cada um de nós — Estado, Organizações corporativas, patrões, operários, deputados, jornalistas, homens de boa vontade — a verdade profunda que nos ensina o lema de Pio XII: faremos obra de paz na medida em que fizermos obra de justiça.

Ao pedir justiça para os operários, ao sermos até violentos em defesa d'elles, nós temos feito e fazemos obra de paz.

Que o digam aquelles milhares de operários que nós já trouxemos para a luz da Verdade cristã e para a fé na organização corporativa — esses milhares de operários cujas cartas, cuja transformação, cuja conversão são a glória de todos os que neste jornal bem ou mal temos trabalhado.

A. V.

Progresso que mata

O progresso só se pode chamar progresso quando vem trazer aos homens mais pão, mais paz e mais felicidade. O progresso que sacrifica a vida do homem deve ser atestado, porque não é progresso — é mentira!

O grande desacordo que existe entre a nossa doutrina cristã e a doutrina do egoísmo está precisamente nisto: nós afirmamos que tudo tem de ser ordenado para o maior bem dos homens; elles afirmam que os homens não contam, desde o momento que haja mais dinheiro nos coques, mais técnica nos maquinismos, mais saldos no fim do ano.

Não querem compreender que a vida dum homem vale mais do que todas as riquezas do mundo. E o bem supremo de cada um é de todos. Vem isto a propósito da célebre fábrica que se está construindo na região de Santo Tiro e que, uma vez posta a funcionar, vem trazer a miséria a muitos milhares de famílias.

Segundo as estatísticas, funcionam em todo o país 275 (duzentas e setenta e cinco) fábricas de fição ou tecelagem de algodão. Estas duzentas e setenta e cinco fábricas dão trabalho a cerca de 60.000 operários.

O regime em que se trabalha nesta indústria é de um operário para cada tear, em regra geral.

Ora a nova fábrica já tem teares automáticos moderníssimos em que cada operário pode manejar entre 40 a 60 teares, segundo nos informam de fonte segura.

Uma vez posta a funcionar teremos fatalmente o seguinte: ou as outras fábricas adaptam imediatamente os seus maquinismos segundo o estilo da fábrica em construção (o neste caso teremos a abundância de produção e de miséria), ou não estão em condições de se poderem adaptar (como é o caso da maior parte delas) e teremos muitas fábricas fechadas, muitos industriais arruinados.

Em qualquer dos casos, é inevitável o desemprego de algumas dezenas de milhares de operários.

Quantos? Se cada um agora trabalha por via de regra com um tear e há 60.000 operários, quando trabalharem com 40 a 60 teares cada um, não serão precisos nem 10.000 operários. Que se vai fazer aos outros?

A INDÚSTRIA ALGODOEIRA

Nós temos confiança no Governo. Se a indústria precisa de uma adaptação, que ela se faça segundo um método preconhecido e dentro da ordem e da justiça.

Não nos podemos conformar com a ideia de que se possa vir a fazer por capricho de uns tantos senhores endinheirados que se lembraram de vir ganhar dinheiro à custa da desordem dum indústria e do desemprego de muitos milhares de operários.

Nós, repetimos. Temos confiança no Governo e nos homens responsáveis. Oxalá esta nossa confiança não venha a ser iludida.

A nossa Condição

No domingo dia 26, d em todo o País a nossa Condição.

Que ela seja como todas as que a Liga Operária Católica, sério e digno. Por quê?!

Que Cristo, a supremacia dos nossos almas caídos, pelo arrependimento e a justiça.

Que Cristo nos dê o nosso para venceremos nesta sua e nunca deve ser nos!

Que Cristo tenha compaixão dos nossos almas e nos dê a vitória.

Trabalhador! Ao comunto, segrade-lhe muito baix sofrido por seros trabalho. Ele que gosta que o trabalho seja como irmão, há-de de ti os claridades da Su conceder-te tudo quanto!

Do teu encontro com a alma e no corpo mais alto e mais vivo.

Los direitos Na Indústria dos Cortumes

Uma das causas principais do mal estar económico de uma indústria qualquer é, sem dúvida, o concorrência desleal que os industriais se possam fazer uns aos outros.

O mal estar reflecte-se não só na boa marcha da indústria, como no comércio.

Se a indústria representa um factor importante da economia nacional, esse mal estar vai reflectir-se inevitavelmente na economia geral da Nação.

Mos há mais e pior: as grandes vítimas deste maldado sistema são os operários, que, no final de contas, são os que sofrem mais. E não só os que, em virtude da concorrência recebem salários inferiores, mas todos, porque todos sofrem quando a indústria em que trabalham não caminha bem.

É este o caso da indústria dos cortumes.

TRABALHADORES!

Chega a 23, de regresso de Roma, o Ei Patriarca.

Vamos ao cais, ao desembarque do ideal, manifestar-lhe a gratidão da classe operária, eleição rápida e magnífica de Pio XII, o defensor dos oprimidos.

Vamos em fato de ganga, em fato m fato de trabalho. Apoteose do trabalho à defesa do trabalho!

AGRADECIMENTO

Na impossibilidade de agradecer a todos os Direcções de Sindicatos Nacionais e a todos os operários que, aproveitando o seu vínculo a Lisboa por ocasião da grandiosa manifestação ao senhor Presidente do Conselho, nos quiseram vir trazer pessoalmente os seus cumprimentos e o seu apoio, por este meio «O Trabalhador» a todos manifesta o seu profundo reconhecimento.

O resgate da situação por que todos trabalhamos só se tornar possível no dia em que cada um der, em sacrificio pelo bem de todos, tudo quanto pode dar.

Instantâ

Aquilo por Madrid y O próprio General Mia verno com outros para griu e os seus companheiros.

Neste mundo é tudo Ninguém pode ver um no corpo do vizinho. Se ce a fazer alguma coisa lam por isso ser um po Deixemo-nos em paz nosso caminho.

O 27 DE FEVEREIRO

Ficará marcando o início de uma era nova de fé nos destinos da Nação Portuguesa o dia 27 de Fevereiro.

Perante Salazar — o realizador da grande obra corporativa — algumas centenas de milhares de operários manifestaram o seu amor à justiça e à paz social, erguendo vivas à Pátria, e aos homens que a honram e dignificam.

Juntamente com elles — os homens do trabalho rudo — alguns patrões, muitos patrões, aclamaram igualmente a obra já realizada, talvez orgulhosos de terem cumprido o seu dever. Vimos por lá também outros que talvez um remorso de consciência os levasse à manifestação. Em qualquer dos casos, foi bom que tivessem ido.

Algumas lições, porém, queremos tirar daquela multidão que se agitou à volta de Salazar, que o aclamou, que se sentiu feliz porque o viu.

mar do ganto, passava uma aragem nova, uma vida nova, uma esperança nova. Houve quem quisesse ver naquela manifestação uma resposta a tocos aquelles que, por amor da Justiça, se impacientam por uma maior justiça social e por ela sacrificam até a sua própria honra. Seria desconhecer o sentido profundo das realidades e o ansio da alma operária tirar semelhante conclusão. É este desconhecimento é mais lamentável quando existe naquelles que tem mais ocasião, pelas suas funções patronais ou outras, de saber o que se passou na alma e quanto ali foram, ao Terreiro do Paço, no dia 27 de Fevereiro.

Não! Aquela manifestação não foi contra ninguém. Foi por Portugal, por Salazar e por todos os bons obreiros de uma Nação dignificada na justiça e na paz.

Os descrentes tiveram ocasião de observar a sem razão da sua descrença. Os crentes reanimaram o seu fé. Os que trabalharam puderam orgulhar-se do fruto do seu trabalho e do seu sacrificio. Os que puderam fazer mais e se desleixaram ali encontraram o justo castigo, naquela multidão ansiosa de paz e de justiça.

O que é certo é que, no meio daquela

Povo trabalhador! Cumpriste o teu dever! Deus pagará a tua fé nos destinos de um futuro mais humano e mais criativo para a nossa Pátria!